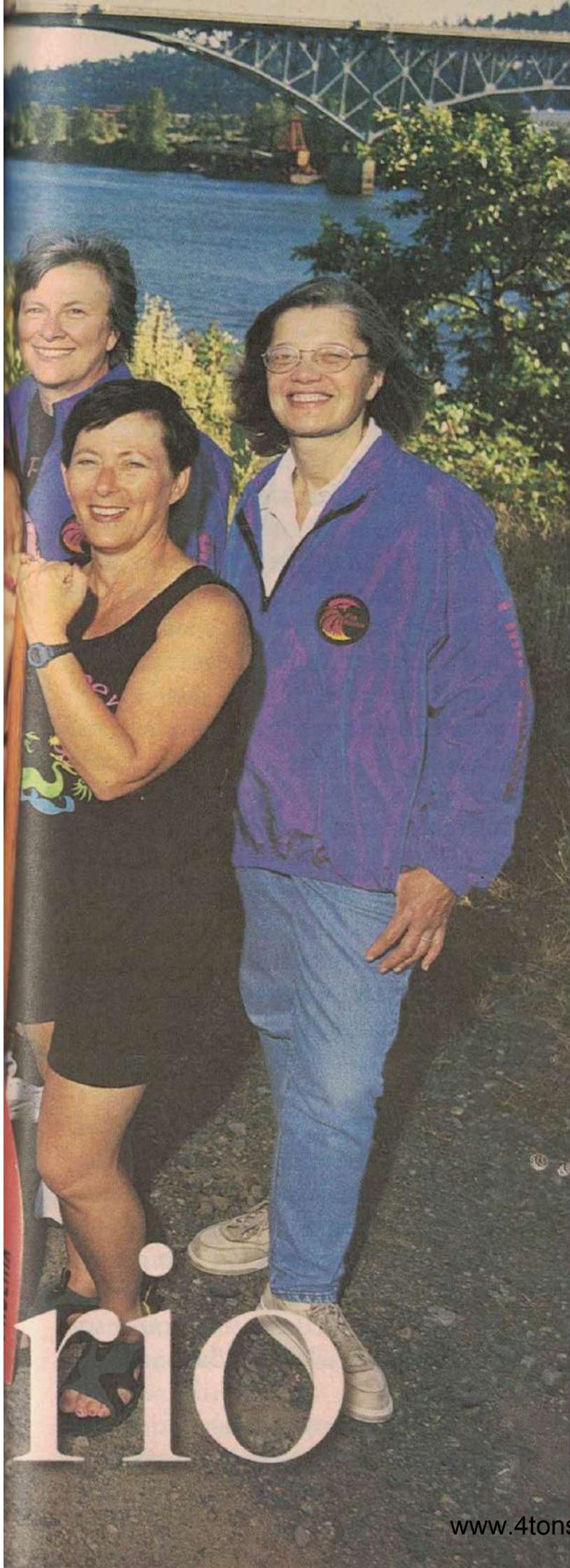




Trabalho de equipe –
Dale Battenhoff abraça
Linda Stalford (à sua
direita), cercado pela Pink
Phoenix, a tripulação que
transformou sua vida.

Anjos no



Nas águas do rio,
um grupo de mulheres
determinadas a viver
encontram um homem
decidido a morrer

POR WILLIAM M.
HENDRYX

ELE SE ARRUMOU
naquele dia como
em qualquer ou-
tro, fazendo a
barba, tomando uma chuvei-
rada e lavando os cabelos es-
curos e encaracolados. Enxu-
gou-se, vestiu uma calça *jeans*
desbotada, calçou as botas e se
dirigiu à porta. Mas de re-
pente parou, pegou a carteira,
as chaves e a identidade, e as
deixou sobre a penteadeira.
Não precisaria delas no lugar
para onde iria.

A névoa filtrava o sol nas-
cente quando um amigo le-
vou Dale Bутtenhoff até

FOTOGRAFADO POR GARY BENSON

61

Assim que ele soltou o gradil,

Portland, Oregon. “Vejo você à noite”, disse ele ao saltar do carro. Era uma promessa, como tantas outras, que não pretendia cumprir.

Nos 45 minutos seguintes, naquele amanhecer úmido e frio de março de 2000, Dale, 32 anos, caminhou em direção ao Rio Willamette. Tinha a mente e o coração entorpecidos.

DE PÉ NO estreito cais de madeira, as tábuas brilhando com o orvalho, Linda Stalford olhou em volta da marina. Bateu palmas duas vezes e o ruído atravessou o trecho de 360 metros do rio lamacento. “Vamos lá, senhoras”, chamou.

A despeito do frio, um grupo diversificado de mulheres, vindas de todas as partes de Portland, reuniram-se para o treino de remo no “barco-dragão”, uma canoa baixa, de estilo asiático. Jovens mães, avós, moças solteiras, unidas por uma amizade e uma causa comum.

Linda e a maioria de suas companheiras usavam um boné rosa. Nele se lia a palavra “Sobrevivente”.

BUTTENHOFF virou uma esquina e começou a andar pelo passadiço da ponte de Ross Island. Ele era um usuário, e não um sobrevivente — embora tivesse resistido a seis anos de uso de metanfetamina e a mais de um acidente de carro por embriaguez. Seu casamento estava acabado; brigara com a mãe, com as qua-

tro irmãs e com Ashlee, a filha de 10 anos. Tinha vergonha de encará-las, mas não o suficiente para largar as drogas.

LINDA SERIA o “patrão” no treino daquele dia. Sentou-se na proa, de frente para as remadoras sentadas lado a lado. Um timoneiro ficava atrás, manejando o leme. Comparadas a outras equipes de remo, elas formavam um bando descuidado, os corpos não muito firmes, as habilidades pouco afiadas. Mas, afinal, a Pink Phoenix não fora criada apenas para vencer competições de remo. Seu propósito era ganhar a corrida contra o câncer de mama. “Remos à proa!” gritou Linda. “Em frente!”

A equipe só podia usar o barco durante uma hora e já estava com dez minutos de atraso para o início do treino. Linda então resolveu não seguir a rota costumeira, preferindo ficar perto da marina.

BUTTENHOFF parou no meio do caminho. Como esperara, quase não havia tráfego às 7h30 de sábado, e ele não queria ser visto. Tirou as mãos dos bolsos do casaco vermelho e as apoiou sobre a balastrada fria da ponte de concreto.

Cerca de 40 metros abaixo corria o Rio Willamette, cinzento como o

deu-se conta de que cometera um erro.

inverno. A queda na água seria como despencar de um prédio de 12 andares. *Isso deve bastar*, pensou. No mínimo perderia os sentidos e se afogaria, e seu corpo seria levado para o mar. Era o que desejava – desaparecer sem deixar rastro.

LINDA AMAMENTAVA a segunda filha no dia em que descobriu um caroço estranho no seio. Foi em 1997. Aos 36 anos, recebeu o diagnóstico de câncer de mama inflamatório, altamente agressivo.

Por intuição, Linda sabia que não poderia vencer aquela batalha sozinha. Em vez de se isolar da família e dos amigos, ela se aproximou deles, mantendo fotos das filhas à cabeceira da cama e apoiando-se no marido, Matt. O amor deles a ajudou a suportar o medo e a dor de uma mastectomia radical modificada, meses de quimioterapia, um transplante de células-tronco e radioterapia.

Também se valeu de auxílio externo. Quando ouviu falar sobre a Pink Phoenix, não tinha idéia do que era um “barco-dragão”, muito menos de como remar um deles. Entretanto, apesar da total falta de habilidade atlética, Linda compareceu ao seu primeiro treino.

Apesar do tempo horrroso – escuro, úmido e frio –, o grupo era simpático e gostava de se divertir. Linda confirmou sua incompetência

com o remo. Mas não importava. As reuniões semanais no Willamette tornaram-se para ela uma simples metáfora – aquelas mulheres estavam todas no mesmo barco, enfrentando a realidade com valentia.

DALE BUTTENHOFF se debruçou sobre a balastrada e olhou para a água lá embaixo. “Se alguém estiver me escutando”, murmurou, “perdoe-me, por favor.”

Respirou fundo e pulou o gradil.

“É BOM ESTAR VIVA, senhoras!”, gritou Linda Stalford às companheiras, enquanto a embarcação deslizava pelo litoral acidentado. “Agora, remos n’água!”

A incerteza da vida diária fora uma imensa barreira psicológica em sua guerra contra o câncer. No entanto, se morresse no dia seguinte, esperava deixar uma lembrança duradoura para as filhas. Abraçava-as, conversava com elas, encontrava tempo para ficarem juntas. E plantou bulbos de tulipas no jardim. Poderia nem viver para vê-los florescer, mas animava-a a idéia de que as filhas o veriam.

NO INSTANTE em que sua mão direita largou o gradil, Buttenhoff reconheceu que cometera um erro.

A queda levou cerca de três segundos. Pareceu uma eternidade. Buttenhoff agarrava o ar, agitando

Linda viu um objeto vermelho no me

os pés. Até que bateu na água, a mais de 90 km/h. E afundou.

LINDA LEVOU um susto com o barulho na água a uns 250 metros de distância à frente e à esquerda do barco. Nesse momento uma das companheiras da equipe avisou:

– Algo caiu da ponte!

– Foi uma pessoa! gritou outra.

Linda virou-se e viu um objeto vermelho indefinível no canal próximo ao meio do rio. Fez um sinal para o timoneiro.

– Remos à proa! Em frente, rápido! – gritou.

A Pink Phoenix entrou no ritmo, remando em unísono.

– Agüente aí! Estamos chegando! – gritavam.

O IMPACTO foi como o de um acidente de carro. Buttenhoff, porém, sobreviveu. Voltou à tona, tonto porém consciente. O que esperara ser morte instantânea tornou-se uma lenta luta pela vida. Buttenhoff tentou nadar, mas a água gelada tornava suas roupas pesadas e enchia suas botas, puxando-o para baixo. Lutava para manter o rosto acima d'água quando, como num sonho, ouviu vozes.

LINDA GUIOU a equipe na direção do homem. Em dois minutos estavam

a seu lado. Ele lutava para respirar.

– Descansar os remos! – ordenou Linda.

A tripulação pousou os remos na superfície da água para estabilizar o barco. Era impossível puxá-lo para bordo sem virar, mas duas mulheres na proa levantaram o rosto do homem da água e o sustentaram.

– Você está bem – cochichou uma das mulheres, a boca quase encostada ao ouvido dele. – O socorro já está chegando. É só ficar quieto.

Buttenhoff ofegava, o corpo solto.

– Perdoe-me – murmurava, vezes e mais vezes. – Perdoe-me, por favor.

Pedia desculpas à filha, Ashlee. À mãe. Às mulheres que o seguravam. Desculpava-se com a ex-mulher, com Deus e com ele mesmo.

Fez-se silêncio no barco quando a tripulação se deu conta do que acontecera. Mais do que ninguém elas compreendiam o que era o desespero, e por isso não o condenavam. Lutando contra o câncer, tinham passado por momentos em que pensaram em desistir. De certo modo, teria sido mais fácil – mas não para suas famílias. Agora, por um capricho da sorte, tinham salvado um estranho. Talvez ele também se tornasse um sobrevivente.

FISICAMENTE, os ferimentos de Dale eram leves – contusões nas pernas, nos quadris e nas costas. Emocionalmente, porém, as cicatrizes

do rio. 'Em frente, rápido!', gritou.

eram profundas. Na segunda noite no hospital, pela primeira vez admitiu para a mãe que precisava de ajuda.

Sabendo da importância de uma estrutura de apoio, Linda e a companheira de equipe Joan Cavanagh foram visitá-lo. Chegaram com presentes – um porta-retratos para a foto de Ashlee, uma Bíblia e o símbolo pessoal de esperança de Linda: um buquê de tulipas.

– Oi, nós somos do barco – disse Linda.

Dale sorriu, constrangido mas grato. A mãe lhe contara sobre a Pink Phoenix e suas admiráveis mulheres. Estava impressionado com sua coragem, paixão pela vida, generosidade e paz interior. Agora também ele desejava sentir isso.

– Obrigado – disse, e os três se abraçaram demoradamente.

No mês seguinte Dale se inscreveu num programa de reabilitação, que já concluiu. Também foi “adotado” por Linda e as mulheres da Pink Phoenix, seus novos exemplos de vida. Comparecia às festas, torcia por elas nas competições e aprendia com sua vitalidade.

Dale continua livre das drogas. Reconciliou-se com Ashlee e lhe contou a verdade sobre seu passado. Agora pretende voltar a estudar e ser conselheiro do programa contra drogas que frequentou.

Dale mantém sua ligação com a Pink Phoenix. “Quero que elas se orgulhem de mim”, diz ele. “Quero que saibam que o que fizeram por mim não foi em vão.”

DEU NO JORNAL



Notícia do *Correio do Povo*, de Porto Alegre:

“Um caixa eletrônico do Hospital Divina Providência foi roubado sábado à noite. Seis homens estacionaram uma picape perto do local e três deles prenderam os funcionários do estacionamento e da recepção do hospital. O caixa era só de consultas e não de saques.”

–RICARDO JOSÉ BOHRER, *Porto Alegre (RS)*

Correção feita no jornal *Niles Bugle*:

“Uma reportagem do caderno policial de 6 de março identificou a suspeita numa briga como sendo mulher do ex-marido da vítima, de 43 anos. Na verdade, a suspeita é ex-mulher do marido da vítima.”

–CAROL MIZIALKO, *EUA*